

América Latina na “guerra comercial” entre a China e os Estados Unidos

Lia Baker Valls Pereira

Pesquisadora associada do FGV IBRE e professora da Faculdade de Ciências Econômicas da Uerj

A China é o principal mercado de exportação do Brasil desde 2009. A importância desse mercado não parou de crescer ao longo dos últimos anos e passou de 13,7% para 28% entre 2009 e 2019. No ano da pandemia, esse percentual aumentou e chegou no acumulado do ano até outubro a 34%. O melhor desempenho da China, a única a registrar variação positiva do PIB entre 2019 e 2020 no grupo das maiores economias do mundo, contribuiu para esse resultado.

A opção de uma política externa com um viés explícito de alinhamento à política do presidente Trump suscita preocupações para o setor exportador agropecuário. Ademais, declarações sobre a criação de uma barreira para a entrada da Huawei nos leilões de 5G cria um ambiente de tensões com o principal parceiro comercial do Brasil.

A eleição de Biden não contribuiu para alterar a posição da política externa brasileira em relação à China. O conflito entre os Estados Unidos e a China irá permanecer, embora

na área comercial possa mudar o eixo da disputa do campo exclusivamente bilateral para o multilateral. Em adição, o diálogo deverá passar a ser conduzido respeitando o jargão diplomático. No entanto, a questão estrutural da tensão entre os dois países permanece: a disputa no campo tecnológico; e o papel do governo chinês nos incentivos ao desenvolvimento dos setores de alta tecnologia. Biden não deverá “cobrar” alinhamento do Brasil, mas não há razão para supor que irá condenar esse alinhamento.

O risco pode advir de um endurecimento da China. Se antes o governo chinês evitou se pronunciar, nos últimos meses com o seu embaixador no Brasil tem feito declarações que repudiam ataques ao papel da China no país. Nesse caso, os setores exportadores brasileiros poderão intensificar as pressões para uma política externa com maior “grau de neutralidade”.

A Sondagem Econômica da América Latina do 4º trimestre de 2020, divulgada pelo FGV IBRE, trouxe

uma enquete especial sobre o tema da guerra comercial. Foi perguntado aos especialistas econômicos de cada país que respondem à Sondagem qual posição esperam do seu governo, caso a guerra comercial entre os Estados Unidos e a China se acirre. Ressalta-se que a pergunta se refere à posição do governo e não ao que os especialistas acham que o governo deva fazer (quadro 1).

No grupo dos dez países analisados, cinco apresentam um percentual acima de 50% em relação à opção de se manterem neutros. Nesse grupo destaca-se o Chile, onde 100% dos entrevistados consideram que o governo irá optar pela neutralidade. Em seguida, com percentuais acima de 60%, Peru, Uruguai e Argentina. O Brasil registrou um percentual de 53,3%, o que mostra uma percepção que a neutralidade não é uma opção consolidada no governo e está próximo do resultado da Bolívia de 50%.

As diretrizes da política externa não se esgotam na análise dos interesses comerciais de um país. No entanto, como no caso do Brasil, esse é

um dos argumentos a favor da neutralidade da política externa, comparamos os resultados da enquete da Sondagem com os dados da posição da China e dos Estados Unidos na pauta de exportação dos países.

O quadro 2 mostra a posição da China e dos Estados Unidos na pauta de exportação do país. Observa-se que só foram considerados os cinco principais mercados. Nos países com pautas similares ao Brasil em termos de participação, Chile e Peru, a opção por neutralidade é bem definida, com percentuais acima de 80%. E, no caso do Peru, a segunda opção é o alinhamento com a China. O Brasil difere ao ter percentuais de neutralidade e alinhamento com os Estados Unidos próximos.

Na Argentina, o principal mercado de exportação é o Brasil (18%, em 2018) e as participações dos Estados Unidos e a China são quase iguais. A preferência, em segundo lugar, pelo alinhamento com a China não é uma questão puramente ideológica. A Argentina tem uma carteira de empréstimos contraídos com a China, além de investimentos. No Uruguai, apesar da diferença entre a participação da China e dos Estados Unidos, o governo optaria pelos Estados Unidos.

Os resultados para o México, Colômbia e Equador de alinhamento com os Estados Unidos são condizentes com a pauta de exportações. Na Bolívia e no Paraguai, China e Estados Unidos não estão entre os principais mercados de exportações.

Os resultados apresentados visam reforçar o argumento por uma política externa brasileira com um viés pró neutralidade. Países que apresentam participações similares dos

Quadro 1 Qual diretriz diplomática você acha que seu país adotará caso as tensões entre Estados Unidos e China continuem aumentando?

País	Alinhamento com os EUA (%)	Alinhamento com a China (%)	Manter-se neutro (%)
Chile	0,0	0,0	100,0
Peru	0,0	16,7	83,3
Uruguai	30,0	0,0	70,0
Argentina	0,0	33,3	66,7
Brasil	46,7	0,0	53,3
Bolívia	0,0	50,0	50,0
México	60,0	0,0	40,0
Colômbia	64,7	0,0	35,3
Equador	85,7	0,0	14,3
Paraguai	83,3	16,7	0,0
Média	42,7	5,2	52,1

Fonte: Sondagem Econômica da América Latina, 4º trimestres de 2020. www.portalibre.fgv.

Quadro 2 Participação (%) da China e dos Estados Unidos nas exportações dos países – 2018

País	Ranking	CHINA (%)	Ranking	Estados Unidos (%)
Chile	1º	33,5	2º	13,8
Peru	1º	27,7	2º	16,7
Uruguai	1º	20,0	4º	6,1
Argentina	3º	6,8	2º	6,9
Brasil	1º	27,0	2º	12,0
Bolívia*	1º	Brasil	2º	Argentina
México	4º	1,6	1º	76,5
Colômbia	2º	9,7	1º	27,0
Equador	3º	7,0	1º	31,0
Paraguai*	1º	Brasil	2º	Argentina

Fonte: <https://wits.worldbank.org/CountryProfile/en/Country/URY/Year/LTST/Summary>. * Nos casos de Bolívia e Paraguai, optou-se por indicar seus principais parceiros comerciais.

Estados Unidos e da China nas suas pautas de exportações tendem a registrar uma nítida preferência pela neutralidade. O conflito entre os Es-

tados Unidos e a China não reproduz a Guerra Fria, onde a questão ideológica dominava. É um conflito sobre ganhos/perdas econômicas. ■